ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

MEDITATIVOS DO MÉXICO

Renato Suttana[i]
Universidade Federal da Grande Dourados

A Horacio González e Irene Marquina Sánchez

I
SOBRE TEIAS DE ÁGUAS

(Sobre uma pintura de William González Chávez)

Aerostato
de coisa alguma,
a sustentar-se sobre
asas nenhumas,
numa nesga do crepúsculo verde

(de parte alguma,
de horizonte nenhum) –

a sustentar-se sobre
águas estranhas
(sobre o antílope marinho
e os padres de pedra –
e os ventos de gesso,
que sabemos nós?),

numa espécie de frincha
que se abre
dentro do crepúsculo verde:

quem souber a direção desses ventos
que a aponte com o dedo,
e quem tiver um mapa
ou uma bússola
que mostre o caminho.

(Mas os mapas também são de água,

e todas as bússolas
de pedra,
em meio ao pouco
que se avista
através de uma nesga
do crepúsculo verde.)

II
PERTURBAÇÕES

Um homem se divide
inteiramente
entre o seu próprio silêncio
e a fadiga
na tarde verde.

Outro,
acorrentado à distância –
como um náufrago
acorrentado ao afundamento –,
se contorce vaziamente,
tentando se libertar
de correntes que não estão lá.

Uma espécie de aprendizado
se torna possível
entre os altos portais
que servem de moldura
a grandes perturbações
de madeira
na tarde qualquer.

Tal é o rosto de abril.
E tais as suas feições
que vão do sublime à caveira,
como as de uma boneca
da morte bêbada
que um homem tenta me vender
(a morte com o seu esposo
violinista)
por cento e vinte pesos mexicanos
na tarde cinza.

III

Os cubos de gelo
dissolvem-se no copo
de limonada
na tarde verde.

Há um razoável equilíbrio
(uma sensação de equilíbrio)
entre os volumes de pedra dos muros
e as roupas do homem
que estende o chapéu
a pedir moedas,
como indiferente ao calor.

Disto não tiro
conclusão nenhuma:
isto não move o meu pensamento
(nem o teu),
que apenas anda ao redor,
como se calculasse
a soma dos minutos
e a soma de todos os números
que se estampam sobre as fachadas
num abril de pedra,
em direção ao sono.

A rua dança
(é uma serpente de luz)
ao som dos realejos
na tarde cinza.

IV

Pássaro de pedra,
que não sabes bem
aonde vai a nuvem,
de onde o vento vem
(e quem é que o sabe,
caso o saiba alguém?)
tem paciência.

Pássaro estrangeiro,
que deduzes mal

num cálculo errado
teu caminho real
na tarde de vidro,
em que tudo é igual –
tem paciência.

Pássaro de prata,
que não és qualquer,
mas que, sob a luz
de abril a pender,
vais a qualquer parte,
conforme convier –
tem paciência.

Pássaro emigrado
de um velho verão
que findou em poeira
e desatenção,
sendo só deriva
tua direção –
tem paciência.

V

Perdi a direção. Errei o mundo.
E agora sou, senhora, só uma sombra
com que a tua ansiedade não se assombra,
que não comove o teu despeito fundo.

Fui do engano ao fracasso, desistindo
antecipadamente da missão
que jamais incendiou meu coração,
nele entanto pulsando e persistindo.

Tornei-me assim, no circo em que, vencido,
fui do acaso o fantasma preferido,
qualquer coisa de neutro, que demora,

percebida entre a nuvem e a neblina:
por incapaz do voo que a melhora
ou de um vento que a impulse, que a defina.

VI

Pássaro-serpente
que lá está, pousado
sobre o quadrado de pedra
de um abril deserto,
a vigiar as pedras
do deserto:

pássaro-serpente
que veio da distância
e entende calmamente
o horizonte branco
de abril todo seco,
entre as pedras,

nada há que lhe pedir
nem que oferecer,
a não ser
em abril todo cinza
minha respiração exausta
e minha fadiga

que eu trouxe de lugar nenhum
e que deposito
(como um tributo),
de parte alguma,
entre poeira e cacto,
sobre o quadrado de pedra.

VII

Como é que se morre? –
pergunto ao pássaro
(àquele pássaro-granito)
que lá está parado,
no silêncio poeirento
de abril.

Como é que se realiza
essa acrobacia,
sendo tão claro o dia,
sendo tão leve a brisa
e tão de vidro o céu
sob o qual

tudo se realiza?
De onde vem tal arte,
como aprender esse truque –
como dominar essa ave
que, entre pássaro e pedra,
com um único salto –

desdenhando o meu olho –
voa para outro lugar?

VIII

Que abril me baste.
Que o vento, vindo,
soprando seco
sobre a planície
verde e cinzenta,
me leve, arraste.

(Para onde arraste? –
Pouco me importa:
que, vindo apenas,
com o seu seco
sopro de cinza
abra uma porta,

mova uma folha,
arraste um cisco
sobre o silêncio
do pavimento –
tão recrestado
de ar e momento.)

E assim me baste:
entre os desertos,
entre as estradas
que sempre vão,
que sempre estão
levando ou indo.

O vento, vindo.

IX

A máscara de pedra
sussurra qualquer coisa
(tão de pedra o seu olho,
tão de vidro o seu dente)
ao meu ouvido cego
que, da pirueta ao erro,
tudo entendendo mal,
ainda assim quer chegar;

pois faz parte do jogo
de abril forçoso e agudo
deixar para mais tarde
a ideia de parar:
a ambição de entender
com uma inteireza cega
(e entretanto fictícia)
os silêncios da pedra.

A máscara de pedra
sussurra ao meu ouvido
exatamente aquilo
que, ouvido, faz da tarde
um jogo mais difícil:
nela escavando um sulco
(uma espécie de vala)
em que cai, de repente,

meu (quase) pensamento.

X

Quisera
dizer mais claramente
qualquer coisa que desse
à tarde verde
um ar de casa,

um aspecto de lar
(que ela entanto não tem,
sendo assim verde e cinzenta
sob o voo esquisito
do aerostato imprevisível

e daquele enorme balão de mármore
que arrasta para cima
a multidão dos loucos). –

.....

Ah, a tarde!
Baste a tarde – o silêncio.

Bastem à tarde os seus ecos,
as suas palavras difíceis,
as suas redes de água,
os seus elefantes de névoa,
os seus abutres de gaze.

XI

Ouvir o vento esfolar-se
contra os espinhos do cacto
quase não me dá prazer.

Supor que a chuva podia
transformar vidro em surpresa,
transformar ouro em palavra,

transformar vento em doçura
e mistério em pensamento
quase não me dá prazer.

Ser o andarilho do outono,
ter o outono em minha mão
e em minha mão ter um pomo –

quase não me dá prazer.

XII
FRIDA KAHLO, MINHA AMIGA

Frida Kahlo, minha amiga,
que tanta gente visita,
sem compreender tuas cinzas,

o mundo é vasto, e as distâncias
medem-se por infinitos;

tua casa é grande e tem

amplas janelas, que dão
para algum mistério (um ovo
de mistério ali gorado) –

mas teu silêncio é maior.
Trotsky, a teu lado, sorrindo,
quase sorrindo – um gigante

tornado agora em modelo
de banal fotografia
(ou suvenir de turista) –

também é imenso; e Rivera
alto e amoroso, e paterno,
sublime assim como um grito

ouvido em meio ao deserto,
é vasto, como os murais
que desenhou nas paredes

de algum imenso palácio
(mal consigo imaginá-lo)
nos arredores do sonho.

A Virgem de Guadalupe
é enorme, e a cidade em que ela
se divide e se dissipa

é como um mar tempestuoso
ou um grande labirinto
que não cabe no meu sonho.

As portas do erro e da morte,
os artifícios da dor,
as adagas, as palavras,

os cansaços, os despeitos,
as lembranças e os remorsos,
as armas dos inimigos,

o peso e o tédio das horas;
os dias, Frida, são longos,
mas teu silêncio é maior.

XIII

Falcão de areia.
O que não se pode explicar,
e não se pode entender,
e anda por aí, a espreitar-nos,

e não cabe numa palavra,
e não cabe num pensamento,
o que não se ajusta ao meu olho
e ocupa todos os espaços de abril,

e se alastra pelo deserto,
e se dispersa no vento,
e sobe até o topo do mundo,
e vai aos limites do erro –

é só um falcão de areia,
el halcón de arena.

Ciudad de México/Dourados, 14/23-4-2013

[i] E-mail do autor: renatosuttana@ufgd.edu.br